



PERFIL

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Dona Rosa, em primeiro lugar, quero agradecer pela disponibilidade e boa vontade em estar aqui conosco fazendo essa entrevista, que será mais uma conversa do que uma entrevista. A primeira pergunta diz respeito à formação dos arquitetos paisagistas nas escolas de Arquitetura. Como a senhora vê essa formação e como a senhora acha que poderia melhorar?

ROSA KLIASS:

No mundo todo existem escolas de arquitetura paisagística, que em inglês é landscape architecture, em alemão é Landschaftsarchitektur, em francês é architecture de paysage. Então é Arquitetura Paisagística que é realmente o nome da área e isso não quer dizer que é feito por arquitetos. Existem três categorias profissionais ligadas à questão da paisagem: do território, que é o planejamento Urbano; Arquitetura; e Arquitetura Paisagística. São três atividades e três áreas diferentes, e que claro, tem certos transpasses mas são específicas. Então deveria haver realmente escolas de Arquitetura Paisagística.

PROF. CAROLINA BORGES:

Dona Rosa, qual é o primeiro passo da senhora para a definição do partido de um projeto de arquitetura paisagística e como se dá esse processo de criação?

ROSA KLIASS:

A primeira aproximação que a gente tem com o projeto é realmente um reconhecimento da situação. Então nós temos que saber onde vamos fazer aquele projeto. Quais são as condições do Entorno. Se é por exemplo, um jardim de um edifício de apartamento, então você tem a área do térreo onde será feito o seu projeto. Mas esse projeto está ligado ao vizinho que também tem um jardim, enfim, criar uma situação real, espacial, daquela área onde você vai trabalhar. E os entraves, quais são os problemas, quais são os potenciais, se tem “uma vista muito bonita pra lá”, então eu tenho que enfatizar isto, mas eu tenho um muro muito feio aqui, então vou ter que resolver esse problema. É um levantamento das condições, é o primeiro approach, primeira coisa. Depois então a gente faz o que chamamos de um estudo preliminar, então fazemos umas primeiras decisões. E desse estudo preliminar que, se existe um cliente, ele já entra neste momento principalmente. Não quando é cliente particular, aí gente entrega em uma outra fase que seria o anteprojeto. Mas este estudo preliminar, quando você tem projetos ligados à empresas que te contratam, pra você ter um processo, é bom ter um estudo preliminar

e já discuti-lo, ver a reação e a aprovação ou não daquilo, é o começo. Do estudo preliminar você vai para o anteprojeto que não vai pra obra, mas ali já está tudo, já está toda a concepção, isso também vai para aprovação. Uma vez aprovado você vai para o projeto executivo e depois no fim tem um projeto de apresentação para a complicação.

LUIZA DIAS COELHO (ALUNA FAU-UNB):

Neste processo, quais são as inspirações da senhora para construir este espaço, esta paisagem? Ou depende muito do contexto do lugar?

ROSA KLIASS:

Claro que depende muito do contexto do lugar. E eu não sei se acredito muito nesta coisa de inspiração. Havia um arquiteto que dizia “é mais transpiração que inspiração”. Tem que trabalhar muito.

PROF. CAROLINA BORGES:

E como a senhora apresenta esse partido para o cliente, que normalmente é leigo e já vem com uma ideia na cabeça, sabendo o que quer? Nesse processo, às vezes tem que ter um certo convencimento, porque é comum o cliente querer algo que não daria certo em um determinado espaço.

ROSA KLIASS:

Primeiro que quando o cliente me chama, ele está sabendo quem ele está cha-

mando. E nesse sentido, ele já tem certa disposição em aceitar as ideias. Mas realmente, aí a gente tem que apresentar e defender, não tem jeito. Eu contei na palestra a história da paisagista Rebelde, é isso, você tem que realmente defender o que você propõe até o ponto de que, de repente, não há possibilidade de fazer projeto.

PROF. CAROLINA BORGES:

O Parque da Juventude em São Paulo foi uma intervenção que mudou a paisagem local e melhorou a qualidade de vida das pessoas que moram naquela região. Dona Rosa, a senhora acredita que espaços urbanos como o Parque da Juventude podem ser agentes de transformação de uma sociedade e de que modo essa transformação acontece?

ROSA KLIASS:

Veja, o Parque da Juventude é realmente um grande exemplo de como um espaço urbano pode realmente influir para qualidade de vida dos moradores. Eu tenho um caso, que quando eu vou ao Parque da Juventude, eu fiquei observando, vendo o que estava acontecendo. E eu estava lá em uma ocasião, sentada num banco, e no banco da frente tinha um casal que em certa hora se levantaram para sair e eu cheguei perto deles e disse: “Desculpa, vocês estão saindo? Vocês moram aqui por perto?” E ele virou pra mim e disse assim: “Eu moro naquele Singapura”. Você sabe o que é o Singapura? São

os edifícios que foram construídos para abrigar favelados. O governo fez prédios para abrigar os favelados. E eu disse: “Então vocês estão contentes com o parque do lado né?” Ele disse: “Dona, isso tinha que ter sido construído há 10 anos atrás”. E eu disse: “Mas agora está aí, vocês estão gozando né?” E ele: “Não, a senhora não entendeu o que eu quis dizer. Se isso tivesse sido construído há 10 anos atrás, muitos dos meus companheiros não teriam ido para o mal caminho”. Isso aí foi tudo.

Depois tinha uma outra historinha que quando eu fiz o projeto do Parque da Juventude, eu não coloquei brinquedos de playground, desses comprados, porque a minha teoria era que o próprio parque deveria ser o lugar dos brinquedos, o próprio parque deveria propiciar todas aquelas coisas que um parque com aqueles brinquedos pré-fabricados propõem. Então o movimento de terra iria realmente propiciar que as crianças subissem, descessem, pulassem. Os bancos também, e realmente, não coloquei nenhum brinquedo. Depois eles colocaram, agora já está cheio de brinquedos pré-fabricados, mas naquela época não. E aí eu estava passeando no parque com um arquiteto paisagista americano que era especialista em desenho com a comunidade (os Estados Unidos tem muito isto, eles projetam os espaços em contato com a população), nós passamos por um certo lugar onde haviam uns meninos onde eu tinha feito uns “morrotes”, uma “colinha”. Tinha uma turminha que estava brincando com

7

um tamborzinho e o primeiro ia com o tamborzinho e os outros iam atrás, eles subiam e desciam do outro lado. Depois ele viu também um outro que estava trepando em um banco, pulando de um lado para o outro, e foi aí que ele disse: “Mas você não colocou nenhum brinquedo de playground né?” Eu falei que não, e ele disse: “E nós que colocamos aquelas idiotices de brinquedos pré-fabricados, mas não precisa, olha aí!”. Quando nós fomos passando pelo parque esportivo, onde tem 12 quadras esportivas, ele olhou a quadra e falou: “Mas você não colocou alambrado?” e eu falei que não, e ele disse: “mas você consultou as pessoas pra saber se eles queriam alambrado?” E eu falei: “Não. Se não desse certo, nós colocaríamos um alambrado muito simples.” Nessa hora, estava passando um guarda e eu o chamei e perguntei: “Escuta, o pessoal reclama que não tem alambrado?” Ele olhou, era a primeira vez que ele percebeu que não havia alambrado. E assim é uma postura, vamos dizer, que não é “pré-fabricada”. Eu me lembro que, quando eu fui fazer o projeto, alguém da equipe disse: “Mas você não vai colocar alambrado?” Eu disse: “Vocês já foram ao campo de Várzea? Tem alambrado? E eles jogam futebol do mesmo jeito, então nós não vamos pôr.”

PROF. CAMILA GOMES SANT’ANNA (FAU-UNB):

E essa relação de quando se está preparando um projeto com serviços públicos da cidade, como que se dá? É um trabalho também de convenci-

mento ou eles aceitam?

ROSA KLIASS:

Bom, há de tudo né. Depende da cidade, depende da Administração Regional onde você entra, ou seja, depende muito. Mas é uma coisa que deve ser feita, e é uma etapa. Por exemplo, tem muitos projetos em São Paulo que tem que ir para o órgão ambiental, e aí, às vezes, você tem até que fazer os estudos de impacto.

LUIZA DIAS COELHO:

Nós estudamos muito na faculdade, a arquitetura, os prédios e o desenho das cidades, mas ainda há o problema de incorporar estes dois com o terceiro elemento, que seria a arquitetura da paisagem. Como a senhora vê a arquitetura da paisagem influenciando na cidade e interferindo em uma melhor relação entre as pessoas e o espaço?

ROSA KLIASS:

Bom, isso é uma coisa muito abrangente. A cidade é um resultado de todas essas coisas, tem a implantação das construções, tem os espaços entre as construções e tem os espaços urbanos que não se referem às contrações, mas tem, digamos uma vida própria, e nesses existem as duas escalas principalmente, que é escala da praça e a escala do parque. O que é uma praça? Como é a cidade? A cidade é feita de um sistema viário que atende aos usos lindeiros, as ruas, de repente, tem um alargamento, isso é, uma praça.

Mas praticamente, nós temos as funções das ruas, elas dão acesso as construções lindeiras e enfim, esses espaços urbanos, ruas e praças congênicas são alargamentos das Ruas. Existe um outro espaço que é o parque, essa é uma outra coisa. A rua e a praça se referem aos usos lindeiros, quando você está andando nas ruas, você está vendo as construções, elas podem ser de comércio, residenciais, mas estão se referindo às edificações ao longo. As praças também, a praça do mercado, a praça da igreja, sempre tem uma referência de uso. o parque é um espaço que é intrínseco, ele não tem a referência da cidade, é um espaço autônomo. A ideia é a seguinte: quando você está dentro do parque, você pode até não ver nada da cidade, pode às vezes se o parque estiver lá em cima, mas você vê a cidade na distância. O espaço do parque é absolutamente interno, ele tem uma paisagem interna, ele não se refere a coisas externas.

PROF. CAROLINA BORGES:

No Brasil, nós temos uma tradição da arquitetura moderna em fazer uma integração entre a arquitetura, as artes visuais e o paisagismo. São vários os exemplos, como o MEC, que faz essa integração da arquitetura com o paisagismo do Burle Marx e com as esculturas de Ceschiatti. A Pampulha é outro exemplo. Eu gostaria que a senhora falasse um pouco sobre essa integração entre paisagismo e as artes visuais, como acontece com o Parque das Esculturas, que a senhora fez em Salvador. Como se dá esse diálogo

entre as artes visuais e a arquitetura paisagística?

ROSA KLIASS:

Bom, as artes visuais – esculturas e pinturas – são complementos, mas que obviamente você deve fazer com que se concatene com os espaços, nós temos exemplos lindos de painéis do Burle Marx e painéis de Portinari. Mas quando você coloca uma obra de arte em um espaço urbano, seja paisagístico, obviamente essa obra de arte vai estar à serviço desse espaço. Ou você pode realmente ter o espaço visando a valorização de uma obra de arte, são dois aspectos diferentes. Por exemplo, o Monumento das Bandeiras em São Paulo, que tem aquela praça em volta, a praça está servindo para valorizar o Monumento.

PROF. CAROLINA BORGES:

Podemos colocar a arquitetura paisagística dentro do campo das artes visuais?

ROSA KLIASS:

E a arquitetura, está dentro das artes visuais?

PROF. CAROLINA BORGES:

A arquitetura é diferente. Porque ela tem como motivação primeira, a própria função, que é a construção de um abrigo. O aspecto plástico vem depois, não é uma motivação imediata para a criação de uma arquitetura.

ROSA KLIASS:

Bom, ao meu ver, de uma forma resumida, a conceituação de artes visuais é bem complexa. O que são artes visuais? São objetos que são visíveis, a literatura por exemplo, não é uma arte visual. O cinema, é uma arte visual? Mas a Arquitetura tem também uma primeira função, de abrigo, daí vem toda a história da arquitetura com a arte desde a idade média. E o Paisagismo também. Tem praças medievais que são obras de arte. A obra de arte é utilitária enquanto está criando a condição de vista. Isso é uma utilidade, não é prática, eu não a uso, mas eu gozo.

PROF. CAROLINA BORGES:

Aqui em Brasília está acontecendo um processo de desocupação da orla do lago do Paranoá, que é uma área pública, mas que foi apropriada pelos moradores das proximidades do lago desde o início de Brasília. O problema, que é não só ambiental, mas que se tornou político, se dá pelo choque de interesses entre a população que mora nesses locais, e que acredita ter o direito de privatizá-la, e o restante da população de Brasília. Qual é a importância da manutenção das áreas livres nas proximidades de cursos d'água para a cidade e como seria um modo de tratar esses espaços paisagisticamente?

ROSA KLIASS:

Isto está dentro de uma ideia de plane-

jamento Urbano. Nesse planejamento urbano, você vai definir as áreas que são passíveis de serem construídas e as áreas que devem ser preservadas. Beira de Lago é algo conceitualmente já definido, onde os espaços devem ser preservados por várias razões, mas a primeira delas, é que geralmente os lagos, dependem da área de infiltração que ela tem no entorno. O quanto que essa área se estende, isso é uma questão de se fazer estudos hidrológicos, além de um levantamento planialtimétrico cadastral. Existem vários tipos de levantamentos que você precisa fazer para poder definir quais são os usos de beira de água, tanto rios quanto lagos.

PROF. YARA REGINA OLIVEIRA (CAU/UCB):

Uma coisa que a senhora colocou muito interessante na palestra, foi a questão do plano paisagem. A senhora acha que seria pertinente em um caso desse?

ROSA KLIASS:

O planejamento paisagístico tem várias escalas. Você pode ter um planejamento paisagístico regional, que pega várias cidades, e eu tenho casos que eu estudei e fiz. As várias cidades do Vale do Paraíba, que nós fizemos um estudo conjunto, onde entrou geógrafo, climatólogo, botânicos, urbanistas, até profissionais da administração, política, etc. E a outra já é da cidade mesmo, como os planos da paisagem que eu fiz em São Luís e Salvador. Então você define também o que são

os espaços abertos, que tipo de espaço aberto, inclusive não só de aspectos físicos como tamanho, mas de qualidade. Por exemplo, se vou colocar uma área verde ali porque já tem uma vegetação, eu quero mantê-la. Ou então, se não tem vegetação, mas aqui é um bairro que não tem espaço verde, então eu vou fazer, mas não tem vegetação, o que vou fazer com isso? Eu posso fazer uma área de recreação. Dependendo do tamanho, vou fazer de recreação infantil, ou maior, de bairro. Enfim, esse nível de planejamento.

PROF. CAMILA GOMES SANT'ANNA:

Qual é o grande desafio para senhora criar, um dos meus grandes sonhos, uma escola de paisagismo no Brasil, uma formação de arquiteto paisagista no Brasil?

ROSA KLIASS:

Eu acho que é realmente a reação dos Arquitetos.

LUIZA DIAS COELHO:

Como foi o processo de criação da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas? Como foi desvincular a profissão do arquiteto paisagista?

ROSA KLIASS:

Essa é uma historinha. Eu estava em um encontro da IRLA (Institute of Registered Landscape Architects) nos Estados Unidos, e nessa reunião, que era uma reunião técnica, que tinha o pessoal da

IFLA, (International Federation of Landscape Architects), da Europa, que naquela ocasião estava sediada em Portugal, e o presidente da IFLA era um alemão. O secretário era o Edgar Fontes, que era o diretor de parques e jardins de Lisboa. Então eles foram para lá, e o fato de eu falar português, era uma coisa incrível, pois na IFLA era assim: o alemão chegava e falava alemão comigo, o francês chegava e falava francês, o italiano falava italiano, espanhol falava espanhol, ... E quando chegava uma certa hora, eu não sabia nem mais falar português. Daí eles vieram conversar comigo, o Edgar Fontes conversou muito, e uma hora ele disse pra mim: "Como pode acontecer, que no Brasil, não existe uma associação de arquitetos paisagistas?" Porque não tinha, eu era membro individual, e eu disse pra ele: "Não tem arquiteto paisagista, como vai ter uma associação? E o Burle Marx?", eu disse: "O Burle Marx, é o Burle Marx, ele não faz uma associação, mas eu prometo uma coisa pra você, chegando lá eu vou ver qual é a possibilidade de se criar uma associação." Daí, eu cheguei em São Paulo e fui catar um professor de urbanismo em Porto Alegre, que tinha escrito um opúsculo sobre o paisagismo. Daí, uma moça lá em Belém do Pará, que eu sabia que tinha feito alguma coisa. E, de São Paulo, eu conheço as pessoas que trabalhavam na área. Chamamos todo mundo. Em 1976 foi criada a ABAP (Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas), e esse foi realmente um ato, não de bravura, pior que isso, de irresponsabilidade quase. Mas pegou bem, e em

1978 eu tive a petulância de fazer um congresso da IFLA em Salvador na Bahia, porque eu estava fazendo alguns trabalhos em Salvador, e a minha pretensão era a seguinte: tinha muita gente lá e eu já tinha até almoçado na casa do Governador, imaginei: “Vai ser fácil né?” E nós estávamos em plena ditadura naquela época. Daí começamos a organização do congresso. Com Marilda, que é uma grande amiga minha de lá, profissional da arquitetura também, eu falei: “Marilda, a gente faz isso brincando”. No meio do caminho, era ditadura, caiu o governador e entrou outro que ninguém sabia quem era. E aí? Olha, eu não sei como, mas nós conseguimos fazer o congresso internacional. Veio gente do mundo todo, equipes japonesas, da Finlândia, Nova Zelândia, ... Foi uma coisa fantástica, e o Burle Marx presidiu. E o momento foi curioso porque, quando eu criei a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas, foi junto com Fernando Chacel, que também naquela época queria muito. Eu falei: “Chacel, nós temos que ir lá ao IAB apresentar a ABAP.” Nós chegamos lá e falamos: “Nós criamos a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas”. E o presidente da IAB falou, “Mas como vocês ousaram? Sem consultar o IAB!” Aí eu contei uma historinha pra ele, eu adoro contar historinhas, eu disse: “Quando eu estava namorando o Edimir, meu marido, cheguei pro meu pai e falei, ‘olha pai, eu estou namorando’, e ele disse, ‘mas como? Sem me consultar?’”, eu disse, ‘pai, você acha que se o senhor dissesse não, eu iria terminar? Não! Eu só estou te

avisando.” Aí eu disse pro presidente da IAB: “Pois é. É a mesma situação”.

PROF. CAROLINA BORGES:

Sobre a arquitetura paisagística de Brasília, que é muito marcada pelo trabalho de Burle Marx, qual é a opinião da senhora?

ROSA KLIASS:

As áreas que realmente foram desenhadas pelo Burle Marx são maravilhosas, mas eu acho que Brasília sofre de um mal “antiburle Marxiano”. Existe uma reação muito grande. As superquadras não tem nenhuma concepção paisagística.

PROF. CAMILA GOMES SANT’ANNA:

Como fazer para que os arquitetos da paisagem façam sugestões sobre a oferta do que será produzido nas três escalas – ambiente, cidade e arquitetura –, e não fiquem tão presos à demanda do que nós é oferecido. Porque a todo momento dos trabalhos da senhora, vemos o quanto a senhora muda a demanda e a torna uma oferta, por exemplo, quando alguém fala “Vamos fazer isso”, e a senhora diz, “Não. Nós vamos fazer isso”. O quanto isso é importante para a profissão?

ROSA KLIASS:

Isso eu acho que é importante para qualquer profissão. Você acha que em medicina, alguém pode dizer: “olha, você vai ter que fazer isso”? Não, o medico vai

verificar realmente o seu diagnóstico e vai dar seu remédio. Assim é a mesma coisa com a arquitetura e a arquitetura paisagística. Você tem que, realmente, diagnosticar a situação e propor o que fazer.

PROF. CAROLINA BORGES:

Dona Rosa, muito obrigada pela sua atenção.



(...) eu não sei se acredito muito nesse negócio de inspiração. Havia um arquiteto que dizia “é mais transpiração que inspiração”. Tem que trabalhar muito.

Rosa Kliass